

**OS CURRÍCULOS MÍNIMOS DE DESENHO INDUSTRIAL
DE 1969 E 1987: ORIGENS, CONSTITUIÇÃO, HISTÓRIA
E DIÁLOGO NO CAMPO DO DESIGN**

EDUARDO CAMILLO KASPAREVICIS FERREIRA

Blucher

EDUARDO CAMILLO KASPAREVICIS FERREIRA

**OS CURRÍCULOS MÍNIMOS DE DESENHO INDUSTRIAL
DE 1969 E 1987: ORIGENS, CONSTITUIÇÃO, HISTÓRIA
E DIÁLOGO NO CAMPO DO DESIGN**

2018

Os currículos mínimos de desenho industrial de 1969 e 1987: origens, constituição, história e diálogo no campo do design

© 2018 Eduardo Camillo Kaspereviciis Ferreira

Editora Edgard Blücher Ltda.

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed.
do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*,
Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ferreira, Eduardo Camillo Kaspereviciis

Os currículos mínimos de desenho industrial de
1969 e 1987 : origens, constituição, história e diálogo no
campo do design / Eduardo Camillo Kaspereviciis
Ferreira. -- São Paulo : Blucher, 2018.

236 p.

Bibliografia
ISBN 978-85-8039-362-0

1. Desenho industrial - História
2. Desenho industrial - Currículos
3. Desenho industrial - Estudo e ensino I. Título

18-1905

CDD 745.207109

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da Editora.

Todos os direitos reservados pela Editora
Edgard Blücher Ltda.

Índices para catálogo sistemático:

1. Desenho industrial - História e currículo

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos são numerosos, e por isso início por aqueles que estiveram diretamente envolvidos na pesquisa, sem esperanças de incluir a lista completa aqui.

Primeiramente, agradeço à Karine Tressler pela generosidade e apoio incondicionais, ainda que nalguns momentos não tenham sido fáceis ou leves, em especial neste último ano, quando me deu a chance de me dedicar exclusivamente à pesquisa e aos estudos. Agradeço por conversar sobre resultados, achados, problemas e tropeços de durante a pesquisa, ainda que o assunto as vezes fosse distante. Muitas das descobertas da pesquisa nasceram dessas conversas.

Agradeço ao orientador e professor Marcos da Costa Braga, de quem tenho a honra de aprender desde meados da minha formação universitária na Fauusp, em 2008, nas disciplinas de História do Design. Desde então, foram três orientações oficializadas – uma iniciação, um trabalho de conclusão de curso, e este mestrado –, um punhado de artigos, duas monitorias de disciplinas, e diversas ajudas de outras naturezas, como as diversas recomendações e contatos para a Revista Ciano e para a FauForma:Designers 2010-11, além da generosidade nos convites para participar de projetos diversos, e que foram importantíssimas à minha formação, como o ICDHS 2012, ou o livro Histórias do Design no Brasil III. Agradeço também a paciência nas leituras, recomendações e re-lembranças de ideias, conceitos e análises, além das prontas respostas para qualquer e-mail que acontecesse. O processo do mestrado foi, de fato, muito mais fluido e frutífero, graças à orientação.

Agradeço às professoras Ethel Leon e Cinthia Malaguti pelas valorosas contribuições na banca de qualificação, que mudaram consideravelmente o caminho da pesquisa, e tornaram o resultado bastante mais interessante.

Agradeço àqueles que cederam parte do seu tempo para as entrevistas. João Bezerra de Menezes, Lúcio Grinover, Gilberto Strunk, João Delpino, Eduardo Barroso Neto, Luiz Blank, Valéria London, Rita Maria de Souza Couto e Joaquim Redig.

Agradeço às professoras e professores das disciplinas do mestrado, Cibele

Taralli, Clice de Toledo, Cláudio Portugal, Priscila Farias, e ao próprio Marcos Braga, que trouxeram sempre contribuições valorosas às questões da pesquisa, e às próprias dúvidas que o caminho da pesquisa traz.

Agradeço também a todos os amigos que acompanharam de alguma maneira a pesquisa, constantemente perguntando como ela estava, e se dispondo a ouvir longos minutos de explicações dos assuntos um tanto quanto herméticos que eventualmente surgiam nos meus relatos. Nestes incluo especialmente Meire Assami, Jonatas Eliakim, Adriano Campos, Roman Atamanczuk, Felipe Kaizer, e Gabriel Garbulho.

Além deles, agradeço também às novas amigas e amigos do período do mestrado, das disciplinas e congressos, e que sempre se apoiaram para que a coisa chegasse bem no final.

Por fim, agradeço aos meus pais, que desde o começo nos incentivaram, meus irmãos e a mim, a ler e estudar, e fizeram de tudo para que pudéssemos ter a melhor educação e ambientes para crescer profissional e intelectualmente.

A pesquisa fornece uma contribuição à história do design brasileiro, no resgate dos processos de constituição dos Currículos Mínimos de Desenho Industrial de 1969 e 1987; procurando entender mais especificamente o papel que a categoria acadêmica e membros do campo do Desenho Industrial do período teriam exercido na solicitação, discussão, redação, revisão e publicação de ambos currículos. Embasando-se em fontes primárias e memórias dos envolvidos nos processos, a pesquisa se fundamenta metodologicamente nas premissas da História Social; adotando a Micro-história como método de abordagem nas delimitações de recortes gerais; a História Oral, como método de coleta de dados; e a História das Ideias para as definições do domínio da pesquisa. Constatou-se que a primeira versão do Currículo Mínimo em 1969 não teve interferências diretas do campo para sua escrita, nascendo de certa burocracia entre o Governo do Estado da Guanabara e o Conselho Nacional de Educação para o reconhecimento do curso de Desenho Industrial da Esdi (Escola Superior de Desenho Industrial); enquanto a nova versão do Currículo Mínimo, em 1987, teve importante participação das associações profissionais e escolas do período, que viram no currículo mínimo um importante suporte à reserva de mercado, em paralelo à regulamentação profissional.

Palavras-chave: 1. História do Design. 2. Ensino de Design. 3. Currículo Mínimo.

ABSTRACT

This research seeks to contribute to the Brazilian design history by retrieving the making process of the Industrial Design Curriculum published in 1969 and 1987; attempting to understand more specifically the role that the academic circles and members of industrial design field at that period had on requesting, discussing, writing, editing and publishing not both curricula. The study is methodologically supported by the premises of social history and largely based on primary documentary sources and the memoirs of those involved – using Oral History as data collecting method, and the theoretical approach of Micro-History, placing its object of study within the History of Ideas. This study has found generally that the professional field had not interfered in the making of the 1969 Minimum Curriculum, which was drawn up by the state bureaucracy – the Government of the State of Guanabara (current Rio de Janeiro) and the National Council of Education – to grant the official approval to Esdi's Industrial Drawing course; whereas for the 1987 Curriculum schools and professional associations widely discussed and participated in the process, trusting in the curriculum as well as professional regulation as valuable tools to ensure market exclusivity.

Keywords: 1. Design history. 2. Design teaching. 3. Minimum Curriculum

Por que pesquisar a história do ensino do design? Primeiro porque o país tem dificuldades com sua memória, o que acaba por condicionar culturalmente muitos segmentos sociais a pensarem e enxergarem sua existência apenas em um presente sem premissas para o futuro e sem referências concretas sobre seu passado, como se esse em nada tivesse contribuído para as condições e mentalidades do presente. Essa situação estabelece terreno fértil para estabelecimento de dogmas e discursos impositivos muitas vezes baseados em reinvenções do passado sem reflexão crítica ou imparcialidade. Não foi diferente com o campo profissional e acadêmico do Design, no qual o olhar crítico e reflexivo sobre o passado, calcado em dados e fontes primárias, só foi estimulado e consolidado a partir do desenvolvimento da pesquisa de caráter científico sobre o Design iniciada nos anos 1980.

E por que seria importante direcionar esse olhar para o passado enfocando o ensino de graduação em particular? Por que é por meio dele que se formam hoje a maioria dos designers tanto nas competências projetuais quanto na visão sobre o papel do design na sociedade brasileira. O que não é pouca coisa a se considerar.

Durante todo o período de institucionalização do ensino de Design em nível superior ocorreram muitos debates e proposições de ideias sobre a formação profissional e do indivíduo designer como cidadão que variaram conforme as conjunturas históricas de cada época e de cada instituição. Não havia uma total homogeneidade entre essas ideias e uma série de mudanças no campo desafiaram essas ideias. A plena crença sobre a primazia do desenho industrial dos anos 1960 cedeu espaços para a flexibilização da seriação nas décadas seguintes. Diferenças regionais serviram de motivação para críticas ao currículo mínimo aprovado em 1987. A metodologia projetual dita científica e racionalista passou a conviver com diferentes enfoques sobre como desenvolver projeto e sobre certos requisitos que estão relacionados a modos de produção, finalidades sociais e variadas qualidades de uso do produto ou sistema de informação. E a passagem do material para o digital abriu novos questionamentos sobre a formação principalmente nos anos 1990, momento de transformação da ideia de currículo mínimo.

O ensino é tema de artigos desde as primeiras edições do congresso P&D

Design e nos últimos anos, devido a essas diferenças visões e ao interesse reforçado pela expansão do número de cursos, houve um crescimento de artigos sobre métodos de projeto e experiências didáticas de ensino, o que revela que o tema não saiu da pauta de debates na atualidade. Contribui para esse contínuo interesse a diversificação das áreas de atuação profissional que demanda novos métodos de ensino e mudanças nos cursos de Design. Cenário que dá fôlego a antigas discussões como priorizar a formação generalista ou a formação ‘segmentada’.

Desde os anos 1990 quando Pedro Luiz Pereira de Souza e Lucy Niemeyer lançaram seus livros sobre a história do ensino da ESDI, algumas pesquisas e publicações se debruçaram sobre a trajetória do ensino do Design no País. Destacam-se os trabalhos de Ethel Leon sobre o curso pioneiro de 1951 no MASP, de Rita Couto que tratou da trajetória das referências oficiais para os currículos de graduação em Design no Brasil, com ênfase nas Diretrizes Curriculares Nacionais, de Ana Paula Coelho de Carvalho que revelou as origens e as bases do ensino paulistano do Design, com grande influência dos campos da Arte e da Arquitetura, de Dora Souza Dias sobre o ensino de Comunicação Visual na FAU USP dos anos 1960 e de Ana Luiza Cerqueira Freitas sobre a criação e a primeira fase do curso de Design da FUMA/MG.

Neste sentido o trabalho de Eduardo Ferreira traz uma contribuição, a meu ver, valiosa, pois trata especificamente da constituição da principal referência oficial para criação de cursos e para a formação profissional nas primeiras décadas de existência do ensino superior em Design no país. Foi por meio dos currículos mínimos de 1969 e 1987 que se formaram boa parte das gerações de designers que atuaram dos anos 1970 até a entrada do século XXI. Mentalidades, ideias e visões sobre a atuação profissional foram forjadas e consolidadas durante o período de estabelecimento dessas referências oficiais e algumas dessas ideias ainda hoje são influentes ou se relacionam a questões vivas no presente.

Ideias consagradas e ideias divergentes deste processo de constituição são demonstradas pela dissertação de Eduardo Ferreira a partir de um intenso trabalho de recuperação e tratamento de fontes primárias como deve ser uma boa pesquisa de História do Design no Brasil.

Convido o leitor a conhecer por meio desta publicação um pouco dessa História e as origens do ensino do Design em nossas terras e a tomar contato com questões que em sua essência continuam no presente.

São Paulo, setembro de 2018

Marcos da Costa Braga

<i>Agradecimentos</i>	5
<i>Resumo</i>	7
<i>Abstract</i>	8
<i>Prefácio</i>	9
1. INTRODUÇÃO	16
1.1 Questão central.....	17
1.2 Objetivo e Problema.....	17
1.2.1 Questões.....	17
1.2.2 Objetivo Geral.....	18
1.2.3 Objetivos Específicos.....	18
1.2.4 Justificativas.....	18
1.3 Método e instrumentos de análise.....	19
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	29
2.1 Bomfim, 1978.....	29
2.2 Bomfim, 1997.....	33
2.3 Freitas, 1999.....	36
2.4 Moraes, 2003.....	38
2.5 Dias, 2004.....	40
2.6 Couto, 2008.....	41
2.7 Carvalho, 2012.....	45
2.8 Braga, 2016.....	46
3. O CURRÍCULO MÍNIMO DE 1969	52
3.1 A LDB 1961/1968.....	52
3.1.1 A ideia de Currículo Mínimo.....	53

3.2 Primeiras escolas e a ABDI	55
3.2.1 Primeira experiências e ideias pioneiras.....	56
3.2.1.1 IAC	57
3.2.1.2 Escola de DI e Artesanato	58
3.2.1.3 Escola Técnica de Criação.....	60
3.2.2 Primeiras escolas regulares e seus papéis no cenário do ensino	60
3.2.2.1 Esdi	60
3.2.2.2 Fauusp	67
3.2.2.3 Fuma	72
3.2.3 O papel da ABDI	75
3.2.3.1 Ações afirmativas ligadas ao ensino.....	75
3.2.3.1.1 O Fórum Roberto Simonsen.....	75
3.2.3.1.2 I Seminário de Ensino de Desenho Industrial.....	77
3.2.3.1.3 Primeira etapa: Fauusp, 09 a 12 de novembro de 1964	78
3.2.3.1.4 Segunda etapa: Esdi, 21 a 23 de junho de 1965.....	80
3.2.3.1.5 A ideia de Escola-Padrão, e diferenças para o CM.....	82
3.3 A constituição do Currículo Mínimo de 1969	84
3.3.1 Reconhecimento da Esdi (Parecer 850/70)	84
3.3.2 O processo 106/69.....	85
3.3.3 Resolução nº5 e Parecer 408/69	86
3.4 O currículo esdiano e o Currículo Mínimo de desenho industrial.....	89
3.4.1 Diferenças entre os currículos esdiano enviado ao CEE, o Currículo Mínimo de arquitetura e o Currículo Mínimo de desenho industrial.....	89
3.4.2 Repercussão nas escolas	94
3.4.2.1 Fuma	94
3.4.2.2 Fauusp.....	95
3.4.2.3 Faap.....	95
4. A PROPOSTA DE CURRÍCULO MÍNIMO DE 1979.....	97
4.1 Introdução: o ensino se torna pauta.....	97
4.2 Primeiras movimentações.....	98
4.2.1 ABDI-RJ e Currículo Mínimo (1976)	98
4.2.2 Ações iniciais do MEC-DAU	100

4.2.2.1	Considerações do Instituto Superior de Educação Santa Cecília.....	104
4.2.2.2	Fauusp	105
4.2.2.3	Esdi.....	106
4.2.2.4	UFMA.....	107
4.2.2.5	PUC-RJ	107
4.3	A fundação da Apdins-RJ e seu foco no CM.....	108
4.4	Seminário “Desenho Industrial e Ensino” (25-26/Set/1978).....	112
4.4.1	Os papéis da ABENGE e a FAU USP no seminário.....	113
4.4.2	A Apdins-RJ no Seminário.....	114
4.4.3	Sobre o Seminário “Desenho Industrial e Ensino”	116
4.4.4	Conclusões e recomendações do Seminário.....	117
4.5	Comissão Especial de Desenho Industrial.....	119
4.5.1	Os papéis da ABENGE e a FAU USP no seminário.....	119
4.5.2	Propósitos, debates e cronograma.....	121
4.5.3	Envio do currículo proposto e resposta das escolas.....	124
4.5.3.1	Fuma	127
4.5.3.2	Faculdade de Desenho Industrial de Mauá.....	128
4.5.3.3	Universidade Federal da Paraíba	129
4.5.3.4	Universidade Mackenzie	129
4.5.3.5	ABDI.....	130
4.5.3.6	Esdi.....	131
4.5.4	Proposta final para o 1º ENDI.....	131
4.6	1º Encontro Nacional de Desenhistas Industriais.....	133
4.6.1	Preparações para o 1º ENDI	134
4.6.2	Grupo de Trabalho sobre Ensino do 1º ENDI.....	135
4.6.3	A minuta da proposta do novo Currículo Mínimo	138
5.	A TARDIA RESOLUÇÃO 02/87	140
5.1	A tramitação inicial.....	140
5.2	Eventos do campo acadêmico do desenho industrial.....	143
5.2.1	Cadastramento Nacional de Desenhistas Industriais	143
5.2.2	Geraldina Witter: “Desenho Industrial: uma perspectiva educacional”	149
5.2.2.1	Motivações e intenções	149

•• *Os currículos mínimos de desenho industrial de 1969 e 1986*

5.2.3 1º Encontro dos Diretores de Escolas Superiores de Desenho Industrial do Brasil.....	151
5.2.4 Comissão para Avaliação do Ensino Superior de Desenho Industrial.....	154
5.2.4.1 Relatório parcial, e Seminários das Escolas.....	157
5.2.4.2 Relatório final da Comissão.....	163
5.3 Parecer 62/87 de J. Furtado e a Resolução 02/87 publicada no DOU.....	165
5.3.1 O relatório do Parecer 62/87.....	165
5.4 Reações da categoria à publicação.....	170
5.4.1 Encontro de Docentes para Avaliação do Novo Currículo Mínimo para o Curso de Desenho Industrial.....	172
5.4.2 Workshop “O ensino de desenho industrial nos anos 1990”.....	172
5.4.3 Carta de Canasvieiras.....	174
5.5 A adoção do novo Currículo Mínimo pelas escolas.....	177
5.6 Epílogo: do Currículo Mínimo às Diretrizes Curriculares Nacionais.....	178
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	180
6.1 O levantamento histórico do processo.....	180
6.2 O papel da categoria acadêmica e profissional nas versões de CM.....	181
6.3 As disputas do campo.....	183
6.3.1 As ideias sobre o ensino.....	183
6.3.2 Necessidade ou não de experiência profissional para a carreira docente.....	186
6.3.3 Designers e arquitetos.....	187
6.3.4 Discurso do ensino com teor mais tecnológico.....	188
6.3.5 Currículo Mínimo e Regulamentação da Profissão.....	189
<i>Referências bibliográficas.....</i>	<i>198</i>